

NAS CURVAS DA DOCÊNCIA: EXPERIÊNCIAS PIBIDIANAS

Irla Nali de Araújo Sousa ¹

Maria Edwiges de Meneses Souza ²

Neurilene da Silva ³

Yuara da Silva Pereira ⁴

Zildene Francisca Pereira ⁵

RESUMO

Compartilhamos, neste relato de experiência, algumas reflexões realizadas durante os plantões pedagógicos no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Sendo assim, trabalhamos com turmas da Educação Infantil (Pré-II) e do Ensino Fundamental (5º ano). A proposta para este trabalho surgiu ao percebermos diferenças no desenvolvimento educacional dos alunos, especialmente entre aqueles que frequentaram a escola durante a pandemia da COVID-19 e os que iniciaram a vida escolar no período pós-pandêmico. Essa experiência nos permitiu perceber, na prática, as curvas da docência, os reais desafios enfrentados na sala de aula e as diferentes aprendizagens construídas com as crianças. Dessa forma, elaboramos o seguinte objetivo: investigar e compreender os impactos do ensino remoto durante a pandemia da COVID-19 para o processo de alfabetização e no comportamento dos alunos do 5º ano, comparando-os ao desempenho das crianças do Pré-II do corrente ano que não vivenciam esse período crítico. Neste contexto, a experiência foi feita mediante observação direta na sala de aula, aplicação de atividades pedagógicas planejadas, jogos educativos, registros reflexivos e acompanhamento do desenvolvimento dos alunos, seguindo o planejamento da Secretaria de Educação do município de Cajazeiras/PB e a parceria com a professora responsável pela turma. À medida que observamos percebemos que os alunos do 5º ano apresentam maiores atrasos na aprendizagem e menor engajamento nas tarefas escolares, possivelmente como consequência do ensino remoto. Já os alunos do Pré-II demonstram maior interesse e desenvolvimento, inferimos que seja por não vivenciar as aulas remotas. Partindo deste viés, o PIBID tem destaque como espaço potente de formação e intervenção no processo de alfabetização. Logo, a docência exige escuta sensível e ação intencional frente aos efeitos das desigualdades educativas vivenciadas nas diferentes turmas em que os/as alunos/as se encontram.

1 Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, irllanali25@gmail.com

2 Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, maria.edwiges@estudante.ufcg.edu.br

3 Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, yuara.cz@hotmail.com

4 Professora graduada pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade São Francisco-FASP-PB, atuante do fundamental II na EMEIEF Cecília Estolano Meireles, neurilenes233@gmail.com

5 Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC/SP. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. zildene.francisca@professor.ufcg.edu.br



Palavras-chave: PIBID, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Alfabetização.

INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização é complexo e multifacetado, variando conforme os ritmos de aprendizagem, interesses e características individuais de cada criança. Contextos específicos, como o ensino remoto adotado durante a pandemia da Covid-19, provocaram rupturas significativas nas relações escolares e nas práticas pedagógicas, impactando o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e comunicativo dos alunos assim como colocam os autores Campos e Durli (2021); Santos, Mostarda e Mostarda (2023). Nesse sentido, Freire (1996) ressalta que ensinar exige compromisso, amorosidade e respeito à autonomia do educando, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas reflexivas e humanizadoras.

Este estudo investigou os impactos do ensino remoto durante a pandemia no processo de alfabetização, comparando o desempenho de alunos do 5º ano, que vivenciaram o período de isolamento, com crianças do Pré-II, que não passaram por essa experiência. A pesquisa foi realizada por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que proporciona aos graduandos contato direto com o cotidiano escolar, permitindo compreender as singularidades de cada turma e identificar as dificuldades enfrentadas pelos alunos. Os plantões pedagógicos se configuraram como momentos de observação, escuta e intervenção, fundamentais para analisar o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Durante os plantões, observamos que a alfabetização não é linear, pois enquanto as crianças do Pré-II demonstraram maior autonomia, engajamento e prazer nas atividades lúdicas, os alunos do 5º ano apresentaram dificuldades em leitura, escrita, concentração e participação em atividades que exigem exposição de ideias. Além disso, existiu resistência e insegurança, indicando que os efeitos do isolamento social foram sentidos de forma mais intensa por esses alunos, impactando não apenas o aprendizado, mas também aspectos socioemocionais e comportamentais.

Utilizamos na pesquisa uma abordagem qualitativa, com observação participante, registros de atividades e análise de artigos científicos, permitindo compreendermos os desafios da alfabetização e refletirmos acerca das estratégias pedagógicas adequadas a cada contexto.



Os resultados demonstram que os plantões pedagógicos do PIBID favoreceram a compreensão e intervenção nas práticas de alfabetização, evidenciando a importância de ações intencionais,

sensíveis ao contexto de cada aluno, as interações sociais vivenciadas e comprometidas com a superação das desigualdades educacionais ampliadas pela pandemia. Sendo assim, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil diz que:

Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias (BRASIL, 1998, p. 11)

Dessa forma, este estudo ressalta o papel formativo do PIBID, ao oferecer subsídios para uma prática docente reflexiva, humanizadora e inclusiva, destacando a necessidade de ressignificar as práticas pedagógicas à luz das experiências pós-pandemia e compreender as ‘curvas da docência’ como metáfora dos desafios enfrentados no caminho do ensinar e aprender.

METODOLOGIA

Temos, neste estudo, uma abordagem qualitativa (Marconi e Lakatos, 2017), analisando as experiências pedagógicas vivenciadas durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com foco nas práticas de alfabetização e no desenvolvimento das crianças. A pesquisa combinou observação participante em sala de aula, registro das atividades pedagógicas e análise de artigos científicos, permitindo-nos compreender os processos de ensino-aprendizagem na realidade escolar.

Os plantões pedagógicos foram planejados previamente, com definição de objetivos e recursos a serem utilizados, garantindo registro sistemático para análise. Durante as aulas, observamos a participação das crianças e as interações com professores e bolsistas. Durante a consulta a artigos científicos tivemos um melhor embasamento teórico para interpretar as práticas observadas. Os registros incluíram fotografias e materiais produzidos pelos alunos, sempre respeitando o direito de imagem e com autorização prévia dos responsáveis.

Essa metodologia nos possibilitou compreender os desafios da aprendizagem, as singularidades de cada turma e os diferentes ritmos de desenvolvimento, fornecendo subsídios para refletirmos sobre estratégias pedagógicas mais eficazes. Todos os procedimentos

seguiram normas éticas para pesquisas com seres humanos, assegurando a participação consciente e responsável da comunidade escolar.

EXPERIÊNCIAS DOS PLANTÕES PEDAGÓGICOS

Foi perceptível observarmos que a turma do Pré-II com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos que não vivenciaram a Pandemia por que, ainda não eram nascidas, estavam sendo geradas ou eram recém-nascidas. Com isso, possivelmente os pais devem ter apenas relatado o que vivenciaram para as crianças, que não tem noção do que é ter passado pelo isolamento social, aula remota justamente por ainda serem pequenas.

Dessa forma, os pequenos indivíduos interagem bastante nas aulas, somente 2 ou 3 alunos demonstram timidez, contudo, quando as atividades coletivas são realizadas toda a turma fica empolgada para participar, o estímulo é constante, visando que os estudantes percam a timidez e o medo de falar em público que é um grande desafio para qualquer estudante.

Vimos que a questão das dificuldades de aprendizagem se dá por conta das especificidades que algumas crianças possuem como: Deficiência Intelectual, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Dislexia, etc. Infelizmente, esses diversos transtornos, na maioria dos casos, só são diagnosticados após um certo tempo e com muita luta dos pais ou responsáveis que vão atrás do laudo médico para que seu filho tenha direito a um atendimento especializado e possa se desenvolver de forma adequada. Por isso, é imprescindível não só o papel do professor(a) para mediar o aluno, mas de toda comunidade escolar e da família.

Nas turmas do 5º ano, o cenário observado foi bastante diferente, pois estas crianças vivenciaram o ensino remoto, apresentavam atrasos significativos na leitura e interpretação de textos, escrita, pouco engajamento nas tarefas escolares, dificuldade em atender comandos. Muitas vezes esses alunos demonstraram dificuldade de manter a atenção por longos períodos, causando, consequentemente, uma resistência diante de atividades que exigiam maior esforço. Outro ponto observado foi a associação entre o erro e à punição, demonstrada por parte das crianças durante os plantões, essa associação gerou insegurança e, consequentemente, pouca participação nas atividades, principalmente nas que demandam algum tipo de expressão pessoal.

Ao refletirmos sobre essas dificuldades, é possível afirmarmos que o ensino remoto impactou não apenas o conteúdo aprendido, mas também o modo como as crianças se relacionam com a escola. Campos e Dürli (2021) argumentam que as políticas educacionais durante a pandemia priorizaram a continuidade das aulas em detrimento das condições subjetivas e materiais de aprendizagem, o que aprofundou desigualdades. Nessa perspectiva, as análises de Santos, Mostarda e Mostarda (2023) complementam essa discussão evidenciando em seus escritos que os efeitos da pandemia ultrapassaram as dificuldades na aprendizagem formal, alcançando também dimensões comunicativas, sociais e comportamentais, o que influencia diretamente o modo como as crianças aprendem e interagem no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.

(FREIRE, 1996, p. 26)

Com base nos aspectos apresentados, foi possível percebermos que os estudantes mais prejudicados no desenvolvimento da aprendizagem são aqueles que passaram pela pandemia, pois vivenciaram o isolamento social e as aulas remotas. Assim,

Embora a situação de pandemia e o fechamento de escolas em todos os estados da federação clamassem por medidas e orientações urgentes, apenas em 28/04/2020, o Conselho Nacional de Educação se pronunciou, de modo oficial e tardiamente, sob pressão exercida por conselhos municipais e estaduais de educação, entidades científicas da sociedade civil, redes e sistemas de ensino, posto que a suspensão das atividades de ensino ocorria de forma abrupta e de acordo com as circunstâncias particulares de estados e municípios (Conselho Nacional da Educação, 2020).

Indubitavelmente, esse acordo referente ao ensino remoto era a melhor solução educacional naquele momento, principalmente para que a criança não perdesse o vínculo com a escola, pois o risco de contaminação de toda população era nítido e mesmo sabendo das consequências negativas, foi um momento decisivo para a tomada de decisão da época.

Sob essa ótica, as crianças da Educação Infantil possuem facilidade de interagir umas com as outras, com a professora e com a estudante pibidiana inserida nas atividades de



mediação do Pré-II. Ademais, os indivíduos que não passaram por esse enorme impacto no ensino conseguem ser alfabetizados de forma eficaz e também os estudantes da educação infantil realizam testes de leitura para treinar o que foi trabalhado em classe e avaliar o processo que vai contribuir positivamente no ensino fundamental I que vão iniciar em 2026.

Tendo em vista que, nas análises realizadas, quase toda turma tem uma comunicação ativa e participativa em sala de aula, percebe-se que no início dos acompanhamentos nos plantões pedagógicos alguns estudantes tinham problemas em concluir as atividades que eram mandadas para casa, pois sabe-se que é indispensável a participação da família nesses casos e, alguns alunos não tinham o devido acompanhamento.

Pode-se apresentar que com muita dedicação, contato virtual e presencial da professora com os pais ou responsáveis pelas crianças, poucos alunos não conseguiram concluir os exercícios solicitados, pois havia uma boa comunicação da professora com as famílias. No 5º ano existem os pais que se preocupam com o desempenho do filho(a) no espaço escolar e lamentavelmente aqueles que não se fazem tão presentes, esse fator também é um dos que contribuem para o mau rendimento dos educandos. Todavia, um dos impasses presentes na Pandemia foi:

Se a relação família-escola na EI já era desafiadora antes da pandemia, a análise da realidade imposta pelo isolamento social revela que as famílias foram chamadas a uma participação ainda mais intensa na vida escolar das crianças, em formato inédito e urgente, a fim de minimizar os efeitos dos fechamentos das unidades escolares (Cruz; Martins, 2021, p. 05).

Outra diferença é a relação do contexto vivido por cada grupo: os alunos do 5º ano foram alfabetizados durante a pandemia da Covid-19, em um período de ensino remoto que limitou as interações e enfraqueceu o vínculo com a escola, prejudicando a linguagem, a socialização e a autoconfiança. As aulas remotas faziam com que as crianças se sentissem desmotivadas, desestimuladas pela própria dificuldade com relação a internet, a utilização do celular que, muitas vezes, só existia um único aparelho em casa para muitas pessoas, bem como por causa do próprio isolamento social.

Já as crianças do Pré-II iniciaram a vida escolar após o retorno das aulas presenciais, o que favoreceu a comunicação, a criatividade e a curiosidade pelo aprendizado. Crianças que não passaram pelo ensino remoto não carregam sequelas desse período sombrio com relação ao processo de ensino e aprendizagem.

Essas constatações revelam o impacto profundo da pandemia na educação e reforçam a necessidade de práticas pedagógicas voltadas à recomposição das aprendizagens, que considerem os efeitos emocionais e cognitivos deixados pelo isolamento. Como destaca Freire



(1996), ensinar exige compreender as condições concretas dos educandos e agir com intencionalidade e amorosidade, princípio que se concretiza no PIBID como espaço de reflexão e formação docente comprometida com a equidade e a humanização da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permitiu que compreendêssemos amplamente os impactos ocasionados pelo isolamento social e aulas remotas nos processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. As comparações realizadas entre as turmas de 5º ano e Pré-II deixaram claro que interações presenciais, intervenções individualizadas e abordagens lúdicas, são essenciais para a construção de uma boa formação e desenvolvimento.

Outro ponto importante revelado pelos resultados é a importância não só do trabalho realizado na escola com os professores, mas também o papel que a família desempenha nesse processo formativo, pois essa parceria entre família e escola é determinante no processo de desenvolvimento da criança, essa é uma maneira de dar continuidade ao aprendizado em um ambiente fora do ambiente formal de ensino, contribuindo para que as lacunas deixadas pelo período de ensino remoto sejam superadas efetivamente.

É importante também destacar o papel do PIBID como um articulador entre teoria e prática, aproximando os graduandos das realidades comumente vivenciadas no contexto escolar, pois muitos pibidianos só vivenciaram à escola enquanto alunos e agora vivenciam enquanto aprendizes de professor/a.

O PIBID se constitui como um espaço formativo essencial, pois possibilita ao graduando vivências concretas que auxiliam no desenvolvimento de uma identidade profissional, além de ampliar a sensibilidade frente às diferentes realidades presentes no ambiente escolar. Segundo Freire (1996) ensinar é um ato de amor e coragem onde se aprende com o outro e juntos transformam a realidade, com isso em mente, cada plantão pedagógico foi planejado e executado com empatia e respeitando ao tempo e realidade de cada estudante.

Conclui-se, portanto, que o período pós-pandemia trouxe novos desafios, tanto para as escolas, quanto para os professores e, principalmente, para os alunos, mas também possibilitou a ressignificação do ensino-aprendizagem diante das marcas deixadas por esse período difícil, bem como a reconstrução de relacionamentos entre crianças, seus pares e



professores para novos começos. Sendo assim, os desafios com relação ao processo de ensino e aprendizagem tem sido observado de modo a levar em consideração o cuidado que se deve ter com as relações vivenciadas no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18, 2009.

BRASIL. Lei nº 8.069, de julho de 1990. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 04 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.3, p. 115-160.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, J. F. D.; MOSTARDA, A. P. A.; MOSTARDA, C. T. Implicações do isolamento social durante a pandemia do covid-19 na comunicação de crianças. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 2141-2152, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n5p2141-2152. Disponível em: <https://bjlhs.emnuvens.com.br/bjlhs/article/view/804>. Acesso em: 07 out. 2025.

CRUZ, S. H. V.; MARTINS, C.; CRUZ, R. **Educação infantil em tempos de pandemia: desafios e possibilidades.** *Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 147-174, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79003>. Disponível em: [v. 23 n. Especial \(2021\): Dossiê Especial: Educação infantil em tempos de Pandemia | Zero-a-Seis](https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79003). Acesso em: 14 out. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.